



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BÁRBARA LEOCÁDIA DE LIMA DUARTE

“TUDO NA VIDA É TROCA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O INSTITUTO BATO
LATA (BAÍA DA TRAIÇÃO-PB)

JOÃO PESSOA

2022

BÁRBARA LEOCÁDIA DE LIMA DUARTE

“TUDO NA VIDA É TROCA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O INSTITUTO BATO
LATA (BAÍA DA TRAIÇÃO-PB)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para a obtenção do grau de graduada em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aina Guimarães Azevedo

JOÃO PESSOA

2022

D812t Duarte, Barbara Leocadia de Lima.

"Tudo na vida é troca": notas etnográficas sobre o Instituto Bato Lata (Baía da Traição-PB) / Barbara Leocadia de Lima Duarte. - João Pessoa, 2022.
50 f.

Orientadora: Aina Guimarães Azevedo.

Monografia (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2022.

1. Instituto Bato Lata (Baía da Traição-PB). 2. Instituto Bato Lata - Projeto social. 3. Beto Bass - Instituto Bato Lata. 4. Etnografia. I. Azevedo, Aina Guimarães. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 30:36



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS
HUMANAS LETRAS E ARTES
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

Fones: (83) 3216-7190
João Pessoa/PB

**ATA DA REUNIÃO PARA APRESENTAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO DA ALUNA Bárbara Leocádia de Lima Duarte, DA LICENCIATURA
EM CIÊNCIAS SOCIAIS, NO PERÍODO 2021.2**

No dia trinta e um de maio do ano de dois mil e vinte e dois (31/05/2022), às 16h, no google meet (<https://meet.google.com/qth-yyyy-fdi>), reuniu-se a Comissão Examinadora formada pelos membros *Prof^a Aina Guimarães Azevedo* (orientadora), *Prof^a Ednalva Maciel Neves* (examinadora) do DCS/CCHLA/UFPB e *Prof. Geovânia da Silva Toscano* (examinadora) do DCS/CCHLA/UFPB. Dando início aos trabalhos, a professora orientadora Aina Azevedo comunicou aos presentes a finalidade da reunião, fazendo, ao mesmo tempo, a apresentação dos demais membros. Em seguida, concedeu a palavra a discente Bárbara Leocádia de Lima Duarte para que fizesse a explanação de sua monografia intitulada “TUDO NA VIDA É TROCA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O INSTITUTO BATO LATA (BAÍA DA TRAIÇÃO-PB). Terminada a explanação, a professora orientadora solicitou que fossem feitas as arguições por cada um dos membros da comissão examinadora. Após as arguições, a comissão, de comum acordo, declarou que a monografia apresentada foi aprovada com nota nove (9,0) e com indicação para Prêmio Florestan Fernandes SIM (X) NÃO (). Encerrada a reunião, eu, *Prof. Terence Mulhall*, Coordenador do Curso de Ciências Sociais – CCHLA/UFPB, lavrei esta ata, que vai assinada pelos membros da comissão, pela aluna e por mim que a subscrevi. João Pessoa, 31 de maio de 2022.

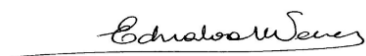
ORIENTADOR(A) DA MONOGRAFIA

Prof^(a) Aina Guimarães Azevedo



MEMBRO DA COMISSÃO EXAMINADORA DO DCS

Prof^(a) Ednalva Maciel Neves



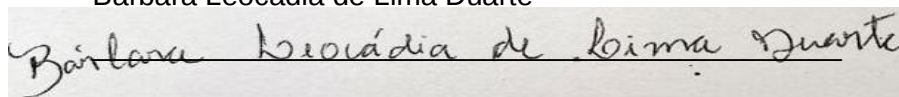
MEMBRO DA COMISSÃO EXAMINADORA DO DCS

Prof^(a) Geovânia da Silva Toscano



DISCENTE DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Bárbara Leocádia de Lima Duarte



COORDENADOR DO CURSO

Prof. Terence Mulhall

BÁRBARA LEOCÁDIA DE LIMA DUARTE

“TUDO NA VIDA É TROCA”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O INSTITUTO BATO
LATA (BAÍA DA TRAIÇÃO-PB)

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do grau de licenciada em Ciências Sociais, e aprovada em sua forma final pela banca examinadora designada pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

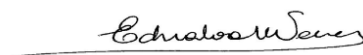
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª Aina Guimarães Azevedo
(Presidenta – DCS/UFPB)



Prof^ª. Dr^ª. Geovania da Silva Toscano
(Membro – DCS/UFPB)



Prof^ª. Dr^ª. Ednalva Maciel Neves
(Membro – DCS/UFPB)

João Pessoa, 31/05/2022

*Este trabalho de conclusão de curso
é dedicado especialmente a Iolanda de Lima Duarte*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho de conclusão de curso às seguintes pessoas:

A minha mãe Iolanda de Lima Duarte, que com sua coragem e determinação luta diariamente por seus filhos, que trabalhou muito para ter uma vida profissional de sucesso e ser uma inspiração para mim, a senhora é a grande motivadora deste trabalho.

A minha orientadora Aina Azevedo, que diversas vezes me viu desmotivada e me deu forças para continuar, me apoiando e me ajudando a melhorar cada dia mais, obrigada pelas correções e ensinamentos, pela disponibilidade e amizade.

Meu marido, Mateus de França Soares, que todos os dias me faz ser melhor, que não desiste de mim mesmo quando eu desisto. Obrigada meu amor, por estar comigo também nos dias de luta, vc é luz!

Aos meus amigos de curso, Jardina Kelly que sempre me apoiou e foi uma peça fundamental para que em meio às dificuldades eu não desistisse do curso, ouvinte e conselheira. João Batista que me apoiou e está comigo nessa luta que chamamos de UFPB.

Ao Beto Bass, que permitiu que a pesquisa fosse feita no Bato Lata, me acolheu e foi paciente.

A todas essas pessoas minha gratidão por tudo, por serem fundamentais nesse processo e por não terem soltado minha mão. Essa conquista também é de vocês!

Quando vier a primavera

Quando vier a Primavera, Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.
Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma
Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo]5esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse. Por isso, se morrer agora, morro
contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.
Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.
(Alberto Caeiro)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso discorre sobre o funcionamento e manutenção do Instituto Bato Lata, localizado na cidade de Baía da Traição-PB, onde a pesquisa de campo foi realizada. Com essas notas etnográficas, busco apresentar o que motiva os professores voluntários a se doarem, quais os problemas enfrentados para a perpetuação do projeto e como o Bato Lato e a trajetória de seu idealizador, Beto Bass, estão interligados. Para o levantamento de dados utilizei a observação participante nas oficinas e entrevistas realizadas com dois professores e o próprio Beto Bass. Com isso, busco mostrar que apesar da pouca receita, o Bato Lato está fundamentado nas relações de troca que envolvem a comunidade da Baía da Traição.

Palavras-chave: Instituto Bato Lata; dádiva; projeto social; Baía da Traição.

ABSTRACT

This work discusses the maintenance of the Bato Lata Institute, located in the city of Baía da Traição-PB, where the field research was carried out. With these ethnographic notes, I seek to present what motivates volunteer teachers to donate, what are the problems faced for the perpetuation of the project and how the trajectories of Bato Lato and its creator, Beto Bass, are interconnected. For data collection, I used participant observation in workshops and interviews with three teachers, in addition to Beto Bass himself. With this, I seek to show that despite the low income, Bato Lato is based on the exchange relationships that involve the community of Baía da Traição.

Key-words: Instituto Bato Lata; gift; social project; Baía da Traição.

LISTA DE SIGLAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

CREAS – Centro de Referência Especializado de Assistência Social

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBLEC – Instituto Bato Lata de Esporte e Cultura

PROJOVEM – Programa Nacional de Inclusão de Jovens

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sede do Instituto Bato Lata	21
Figura 2 – Oficinas Bato Lata	29
Figura 3 – Oficina de violão	30
Figura 4 – Oficina de futebol	33
Figura 5 – Oficina do grupo Raio de Sol	34
Figura 6 – Beto Bass	37

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
ESTA PESQUISA	14
LEITURAS SOBRE TEMAS CORRELATOS	15
METODOLOGIA DE PESQUISA	17
ESTRUTURA DO TCC.....	19
CAPÍTULO I – O INSTITUTO BATO LATA.....	21
1.1 O INSTITUTO BATO LATA NA BAÍA DA TRAIÇÃO.....	21
1.2 CRIAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO INSTITUTO BATO LATA	23
1.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO BATO LATA.....	25
1.4 AS REDES SOCIAIS DO BATO LATA	26
1.5 FINANCEIRO DO BATO LATA	27
CAPÍTULO II – AS OFICINAS DO BATO LATA	29
2.1 VIOLÃO.....	30
2.2 CANTO	31
2.3 CAPOEIRA	32
2.4 JIU-JITSU.....	32
2.5 <i>SURF</i>	32
2.6 FUTEBOL	33
2.7 RAIOS DE SOL.....	34
CAPÍTULO III – A TRAJETÓRIA DE BETO BASS	37
3.1 ENTREVISTA COM BETO	37
3.2 DOANDO-SE PARA O PROJETO.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	49

PRÓLOGO

Cresci na Baía da Traição (Paraíba), uma cidade pequena litorânea. Sempre quis praticar esportes, principalmente o *surf*, mas na minha época não havia professores. As crianças que surfavam, se juntavam com outras crianças e adolescentes, porém, minha mãe não permitia que eu fosse junto por não haver adultos acompanhando. Apenas em 2012 vimos uma movimentação diferente na cidade, ouvimos pessoas comentando sobre aulas de *surf*, de capoeira e que era de graça. Paralelamente, Valber, que hoje é o professor de canto no Bato Lata, estudava comigo e comentava que estava aprendendo a tocar violão com Beto Bass. Nessa época, Beto era conhecido porque fazia parte de uma banda de forró na região. Aos poucos fui vendo pessoas próximas a mim frequentarem as aulas de violão, crianças participando do jiu-jitsu, fotos em redes sociais e posso dizer que, por ser da mesma cidade, eu vi o Bato Lata tomar forma.

Em 2019, me matriculei na disciplina de TCC, mas não sabia o que iria pesquisar. De início, pensei em fazer uma etnografia sobre a Escola Indígena Pedro Poti, situada na aldeia São Francisco, mas devido a distância e tendo como transporte apenas o ônibus dos estudantes, eu não conseguiria conciliar com as minhas próprias aulas na universidade. Porém, lembrei do Instituto Bato Lata e que minha sobrinha frequentava a oficina de violão. Fui cogitando a ideia da pesquisa ser feita lá por três motivos: primeiro por ser gratuito, segundo porque apesar de, durante todos esses anos, saber da existência do projeto, a única divulgação era/é feita nas redes sociais do Bato Lata, e terceiro porque a sede ficava na rua próxima a minha, seria mais fácil para eu acompanhar as oficinas.

Quando falei para minha orientadora, Aina, ela gostou da ideia e me orientou sobre a pesquisa. Em seguida, falei com Beto Bass sobre o que eu pesquisaria e dei início dois dias depois. Meu conhecimento sobre o funcionamento e sobre as oficinas era raso, só sabia de algumas oficinas, mas não tinha conhecimento sobre o calendário, sobre o financeiro, nem a importância do projeto para a cidade. Confesso que fui surpreendida diante de tudo o que o projeto representa para os que fazem parte e me senti motivada a continuar com a etnografia.

Iniciei a pesquisa em abril de 2019 e, durante um mês, frequentei o Bato Lata, participando da maioria das oficinas. Também realizei algumas entrevistas, buscando responder a questões que não conseguiria obter a curto prazo. As entrevistas foram feitas preferencialmente com 3 professores, entre eles o Beto Bass. Entretanto, não consegui concluir o TCC em 2019.

Posteriormente, com a pandemia, muita coisa aconteceu e somente agora em 2022 decidi continuar com o que eu havia começado em 2019.

A escolha do tema partiu de inquietações a respeito do seu funcionamento, uma vez que é um projeto sem fins lucrativos que depende de doações para se manter. Ter uma sobrinha que fazia parte do projeto frequentando a oficina de violão, também ajudou a despertar o meu interesse.

INTRODUÇÃO

ESTA PESQUISA

Ao me dedicar à escrita do TCC em tempos de pandemia, me questionei sobre o motivo que me fez querer pesquisar sobre o Bato Lata em 2019 e qual situação abordaria: se a pesquisa feita antes da pandemia ou a situação atual em meio à pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Decidi me aprofundar no material que eu já tinha por ter mais conteúdo do que eu conseguiria adquirir após 2020, mas farei um breve levantamento de como o Bato Lata tem funcionado durante a pandemia.

Em 2019, o Bato Lata foi o que me chamou a atenção para fazer uma etnografia. Eu tinha uma sobrinha que frequentava as aulas de violão sem pagar nada e, apesar do Bato Lata ser o maior projeto social da região de Baía da Traição, não se via divulgação por parte de políticos, da prefeitura, nem dos pais dos alunos. Apenas Beto Bass - fundador do Bato Lata - e professores fazem algum tipo de divulgação. Isso me fez querer entender questões bem gerais: como o Bato Lata se mantém funcionando? Qual a situação financeira do projeto? Qual o impacto na vida dos alunos/as? E quais as dificuldades encontradas para a perpetuação do projeto?

O presente trabalho versa sobre o Instituto Bato Lata, localizado na Baía da Traição-PB, no centro da cidade, que atende em média 250 alunos. O Bato Lata sedia os encontros do grupo Raio de Sol e oferece oficinas de violão, canto, *surf*, jiu-jitsu, capoeira e futebol. Sua diretoria é composta por 10 pessoas, incluindo presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário de cultura, secretário de esportes e conselho. O Bato Lata é uma iniciativa sem fins lucrativos que atende de crianças a idosos da Baía da Traição, aldeias e cidades vizinhas, ofertando esporte, cultura, acompanhamento em treinamentos e campeonatos. É o único projeto da região que oferta esportes direcionado a crianças e adolescentes de forma gratuita. O projeto, além de beneficiar os alunos, beneficia a cidade que se torna conhecida em cada campeonato em que os alunos participam.

A pesquisa que resultou neste trabalho etnográfico teve como principal objetivo entender como o Bato Lata se mantém funcionando, qual a situação financeira do projeto, qual o impacto na vida dos/as alunos/as, quais as dificuldades encontradas para a perpetuação do projeto, bem como a importância de Beto Bass para o Bato Lata.

O Bato Lata foi fundado em 20 de março de 2011 por Beto Bass e sua sede é emprestada pela prefeitura desde 2012, localizando-se por trás da Câmara de Vereadores e ao lado da Colônia de Pescadores, no centro da cidade. Apenas o *surf* e futebol tem seus encontros ao ar livre, as demais oficinas ocorrem na sede. Todos os dias tem oficinas no Bato Lata e o calendário está sempre mudando de acordo com a disponibilidade dos professores. Muitos dos profissionais da música e do *surf* na cidade começaram suas trajetórias nas oficinas do Bato Lata

A maior dificuldade identificada na pesquisa para a perpetuação do Bato Lata é a falta de ajuda financeira. O único patrocínio oficial é o da Farmacia Nova Farma que doa 50 reais mensais. Esse é o grande questionamento da minha pesquisa: como um projeto desse porte mantém seu funcionamento sem nenhuma ajuda financeira?

LEITURAS SOBRE TEMAS CORRELATOS

Para me aproximar do tema de pesquisa, me debrucei em alguns autores buscando primeiro entender onde o Instituto Bato Lata se encaixa na sociedade. Entre as demais associações presentes na Baía da Traição, como a Associação de Pescadores, Associação de Agricultores e a Associação dos Professores, o Bato Lata é o único projeto social para todas as idades e gratuito, cujo interesse maior é a solidariedade e o bem comum. Para esse tema, recorri a Paes (2020) que entende instituições como o Bato Lata como pertencentes ao terceiro setor: sendo um “conjunto de organismos, organizações ou instituições sem fins lucrativos dotados de autonomia e administração própria que apresentam como função e objetivo principal atuar voluntariamente junto à sociedade civil visando ao seu aperfeiçoamento.” (PAES, 2020, n. p). Com isso, entendemos que o Bato Lata não faz parte do primeiro setor (Estado), nem do segundo setor (Mercado), mas que tenta “realizar o compromisso prático entre a eficiência e a equidade em atividades sociais” (PAES, 2020, n. p).

O Bato Lata se encarrega de ofertar o que o Estado não logra. É o único projeto social da cidade e região dedicado à educação não-formal. Para entender melhor essa questão, busquei auxílio na dissertação de Natali (2009), “[...] o lúdico em instituições de educação não-formal: cenários de múltiplos desafios, impasses e contradições”, que identifica a educação não-formal quando “o atendimento acontece geralmente no contra turno social, e se caracteriza pela oferta de atividades artísticas, esportivas e ou profissionalizantes” (NATALI, 2009, p. 33). A autora possibilitou a compreensão de que há diversos tipos de educação. A educação não é só a que é dada

na sala de aula e que essa outra modalidade educativa, no contra turno, fora do ambiente escolar formal, não é nova no contexto brasileiro.

Por seu turno, a tese de doutorado de Thomassim (2010), “o ‘público-alvo’ nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos”, traz um estudo sobre o cotidiano das crianças e adolescentes que vivem em bairros populares marcado pela oferta de programações esportivas, culturais e educacionais. Esse trabalho nos ajuda a refletir sobre o que motiva os jovens que participam de projetos sociais a se vincularem ao tráfico de drogas.

Em conversas com alguns professores, notei preocupação em ofertar as oficinas como um meio de dar oportunidade e afastá-los da tentação da criminalidade. Porém, senti falta de espaços de debate sobre diversos assuntos, inclusive esse. Segundo Pelluso (2021) “[...] é preciso intencionalidade pedagógica voltada para este objetivo e uma formação, tanto inicial quanto permanente, consistente, atenta a questões que atravessam as subjetividades dos que fazem parte da cena”. Ou seja, o projeto de educação, por si só, não faz milagres. É preciso um direcionamento nesse sentido.

Outra questão importante neste trabalho, tem a ver com o discurso e a atuação das pessoas no projeto que se doam a ele. Os professores voluntários são como bons amigos que se doam para que o outro tenha oportunidade, sucesso e alcance seus objetivos. Em alguns momentos, presenciei alguns professores que moram distante e dependem de transporte para irem dar aula, arcando com o dinheiro do próprio bolso para chegar até lá. Isso mostra a força que o projeto tem. Mas também me levou à leitura do “Ensaio Sobre a Dádiva” de Mauss (2003), que me ajudou na compreensão sobre a relação de troca existente no Bato Lata e como essa relação mantém o funcionamento do Instituto.

Mauss cita como exemplo os Maori, “eles tinham uma espécie de sistema de troca, ou melhor, de dar presentes que devem ulteriormente ser trocados ou retribuídos” (MAUSS, 2003, p. 197). No caso do Bato Lato, um aluno que recebe as aulas gratuitas se sente na obrigação de retribuir aprendendo, participando de festivais e campeonatos. Ainda que esse sentimento de obrigação não seja reconhecido por ele, há intrinsecamente uma necessidade de retribuição, pois não havendo essa troca, ele estará falhando com o Bato Lata. Conforme Mauss (2003), “uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam” (MAUSS, 2003, p. 294). Moralmente, a troca

é a base da nossa sociedade, o doador alcança o respeito e o donatário tem a obrigação de retribuir, são essas as consequências dessas trocas, se quem recebe a dádiva não retribui, quebra-se o ciclo e se torna inferior a quem deu, pois, “a coisa dada não é uma coisa inerte” (MAUSS, 2003, p. 200). Os voluntários, ex-alunos e instituições que fazem doações ao projeto (como a prefeitura e a farmácia), recebem em troca reconhecimento social e satisfação por estarem contribuindo com a comunidade.

A partir dessas leituras, pude compreender o Instituto Bato Lato como uma iniciativa do terceiro setor, que trabalha a educação não formal com o objetivo de trazer novos horizontes para os alunos, ainda que não haja um discurso estruturado sistematicamente a respeito da importância dos esportes e outras atividades, como uma forma de distanciar a juventude das drogas. Além disso, devido à falta de financiamento do projeto, observou-se uma entrega por parte daqueles que o integram e o fazem funcionar. Apesar de parecer não haver retribuição a essa entrega, ela termina por ocorrer de outras formas, como a satisfação pessoal de participar de algo em que acreditam e que faz bem à comunidade.

METODOLOGIA DE PESQUISA

No dia 2 de abril de 2019, tive o primeiro contato com o Beto Bass. Falei sobre minhas intenções de pesquisa e perguntei se poderia fazer no Bato Lata. Mediante a concordância de Beto, logo em seguida, no dia 4 de abril, participei da oficina de violão ministrada por ele. De início, apenas observei, fui apresentada por ele aos alunos que não demonstraram nenhum incômodo com minha presença. Estava com meu diário de campo e anotei o que via.

“4 de abril, quinta feira. Aula de violão de 15:30 às 17h.

Decidi ir mais cedo à aula, estava ansiosa pois não sabia o que esperar/ fazer. Cheguei por volta das 15h, não havia ninguém, mas a sede estava aberta. Entrei, sentei, olhei ao meu redor com cautela e a primeira impressão do ambiente foi de um lugar acolhedor. Paredes, janelas e portas todas pintadas, uma pintura única com alguns traços indígenas que segue por todo o salão. Nas paredes, além da pintura feita pelo Beto, há muitas fotos dos alunos nos eventos, no futebol, no carnaval que, inclusive, eles fazem o bloco do Bato Lata Folia. O grupo de mulheres Raio do Sol também tem suas fotos expostas. O ambiente é formado por um salão, uma secretaria, um depósito de materiais e um banheiro. O espaço está em reforma, pretendem aumentar o tamanho do salão, apesar do piso gasto e das paredes roídas, é acolhedor, passa um ar de dedicação.

Às 15:27 os primeiros alunos começaram a chegar, mas a aula só começou às 15:40 com um total de 7 alunos, 4 meninos e 3 meninas. A aula foi sobre acordes menores. O próprio professor pegava o caderno dos alunos e fazia o desenho da

atividade que deveria ser feita no violão, o que me fez sentir falta de um quadro negro. Durante a aula, o Beto interage com os alunos individualmente de acordo com suas necessidades, e chegou a cobrar de dois alunos que haviam faltado aula antes para que eles avisassem caso fossem faltar alguma aula, pois ele faz chamada e com 4 faltas o aluno é suspenso. Em um momento os alunos discutiram sobre como deveriam chamar o instituto, se de escola, de escolinha ou projeto, teve um que disse que deveria ser chamado de projeto porque escolinha é a turma do futebol.

O meu lugar na sala foi participativo, fiz parte da roda, o professor me apresentou a turma e teve aluno que fez brincadeira comigo, percebi que eles estavam à vontade. Ao final da aula Beto me chamou pra tirar foto com a turma e em seguida postou no facebook com a legenda: “Nossa quinta feira com música, visita da nossa amiga Bárbara Duarte, acompanhando nossas atividades para conclusão do seu projeto de pesquisa.” (Diário de Campo)

Durante um mês, aproximadamente, eu acompanhei as oficinas, conversei com os alunos e alunas e fiz entrevistas com os professores e professoras. Participei especialmente das oficinas de violão ministradas por Beto Bass, das oficinas de canto ofertadas pelo professor Valber e das reuniões do grupo de mulheres chamado Raio de Sol. As demais atividades como *surf*, jiu-jitsu, capoeira e futebol foram acompanhadas por mim de forma menos intensa. Participei de 2 aulas de cada uma dessas modalidades. Por outro lado, não tive a oportunidade de acompanhar as aulas do grupo de percussão Bato Lata, pois durante a pesquisa não houve ensaio.

A presente pesquisa de campo teve abordagem qualitativa uma vez que partiu da observação e entrevista etnográfica, conceitos tirados do livro “Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos” de Beaud e Weber (2007), onde a observação é baseada em três técnicas: perceber, memorizar e anotar. De acordo com as autoras, essas técnicas se entrelaçam em “um vai e vem permanente entre suas percepções, sua explicitação mental, sua memorização e o caderno (seu diário de campo) no qual faz suas anotações” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 97). A entrevista etnográfica, por sua vez, não é vista como uma pesquisa isolada, nem independente da situação de pesquisa, mas como um apoio à observação. É tida como uma interação pessoal onde o entrevistado e o entrevistador se empenham, sem cerimônia e encenação.

Para melhor desenvolvimento do projeto, a pesquisa foi realizada em dois momentos:

- 1) observação das oficinas que ocorrem durante o levantamento de dados.
- 2) entrevistas etnográficas feitas com o professor de canto, a coordenadora do Grupo Raio de Sol e com Beto Bass.

Com a observação, busco analisar a prática dos professores, a relação dos mesmos com os alunos, a relação dos alunos entre si e como funciona cada oficina. Em todas as aulas cheguei uns

10 minutos antes para observar, a ordem de chegada dos alunos, quem os trazia, como aguardavam quem ia chegando, o que Beto fazia enquanto aguardava.

Privilegiei as entrevistas com os professores de violão (Beto), canto (Valber), a coordenadora do Raio de Sol (Luzia), por serem as oficinas de que mais participei e porque não queria entrevistar os alunos, uma vez que meu interesse era no funcionamento da instituição. Utilizei a observação participante nas oficinas para obter dados e criei um calendário pessoal para frequentar as oficinas.

Para as entrevistas fiz um roteiro com as questões chaves que gostaria de levantar durante a conversa e utilizei um celular para gravar. A entrevista com Beto Bass e com Valber, professor de canto, foi marcada no mesmo dia e feita na sede do Bato Lata. Já a entrevista com a coordenadora do Raio de Sol, Luzia, foi marcada para um sábado e feita na casa dela. A entrevista tem como objetivo investigar a motivação dos professores para darem aulas no Instituto e a dinâmica de manutenção, porém, foi seguida como uma conversa com roteiro, dando espaço para que os entrevistados se sentissem à vontade e pudessem entrar em qualquer assunto. Com isso, fui entrando em questões que a conversa me permitia, buscando conhecer a trajetória do Instituto e do próprio criador, Beto Bass.

Vale salientar que sou moradora da Baía da Traição, e por se tratar de uma cidade pequena, com pouco mais de 9 mil habitantes, em que conheço quase todo mundo. Em alguns momentos precisei exercer o distanciamento com o objeto de pesquisa, para que o familiar não atrapalhasse minha visão enquanto pesquisadora, mas, confesso que, no geral, foi bom me sentir familiarizada, me ajudou a entender algumas questões.

ESTRUTURA DO TCC

Além desta introdução, este TCC está estruturado em três capítulos e considerações finais. No capítulo I, intitulado “Instituto Bato Lata”, faço um breve levantamento sobre a Baía da Traição, uma cidade indígena, e onde o Instituto Bato Lata se situa em relação a outras associações presentes na cidade e qual a importância do Instituto ali. Descrevo o público que o projeto alcança, quais as expectativas em cima do projeto e de quem o frequenta. Para isso, foi necessário entender a história do Bato Lata, quais os percalços e os métodos encontrados para lidar com eles. Veremos também que, apesar de o Bato Lata ser um projeto independente, necessita de ajuda e, algumas vezes, acaba

se sujeitando a favores que podem ser desestruturantes. O Bato Lata também faz parte das redes sociais para articular e mostrar o seu dia a dia e isso será mostrado brevemente.

No capítulo II, “As Oficinas do Bato Lata”, descrevo as oficinas e como elas acontecem. Em algumas me aprofundo mais, pois foram as que pude acompanhar com mais proximidade. As oficinas de canto, violão, capoeira, jiu-jitsu, *surf*, futebol e o grupo Raio de Sol são apresentadas em suas dinâmicas, locais de realização e quem as ministrou, assim como descrevo o público que participa de cada uma delas.

No capítulo III, “A trajetória de Beto Bass” busquei apresentar a trajetória do criador do Instituto Bato Lata, mostrando que sua história de vida está ligada ao Bato Lata. Para isso, fiz uma entrevista com o próprio Beto e o acompanhei nas aulas. Outras informações foram colhidas nas entrevistas realizadas com os outros professores do Instituto. Durante a pesquisa, vi em Beto Bass a parte fundamental do Bato Lata, não só por ele ter dado início ao projeto, mas por ele não ter desistido em meio às dificuldades e, dia após dia, ter se doado, ido atrás de conseguir suprir todas as necessidades do projeto. Além de dar aula de violão, ele auxilia os demais professores nas oficinas e, quando necessário, ele mesmo dá a aula para que os alunos não fiquem dispersos. Com isso, considereei importante dedicar o último capítulo deste TCC à trajetória de Beto, quais os caminhos percorridos, vitórias e dificuldades. Tanto Beto professor quanto figura política.

Nas considerações finais retomo os pontos que considereei mais importantes e que motivaram esta pesquisa. Entre as perguntas que procure responder está: como o Bato Lato funciona com tão pouca ajuda financeira?

CAPÍTULO I – O INSTITUTO BATO LATA

1.1 O INSTITUTO BATO LATA NA BAÍA DA TRAIÇÃO

Figura 1 – Sede do Instituto Bato Lata



Fonte: @iblec_bato_lata (2022)

Neste primeiro momento quero me debruçar sobre como o Bato Lata se encaixa na cidade diante de outras associações comunitárias, para isso vou precisar falar sobre a Baía da Traição, cidade litorânea, turística, mas de poucos habitantes. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a Baía da Traição tem pouco mais de 9 mil habitantes e 90% da sua área é território Indígena Potiguara. Situada no litoral norte da Paraíba é uma cidade turística por chamar a atenção por suas belas praias, pela cultura indígena e pelo carnaval.

A Baía da Traição é uma cidade pequena litorânea, terra indígena Potiguara composta por 32 aldeias indígenas, encontra-se com facilidade meios de sobrevivência tanto pela pesca, quanto pela agricultura e pela prefeitura que é o maior setor empregatício local. A prefeitura, além dos empregos gerados, criou também o Bolsa Família Local, subsídio para ajudar famílias com baixa renda; o Bolsa Barco Novo, para ajudar nas manutenções de barcos dos pescadores locais; e o Bolsa Atleta, para ajudar a custear viagens e equipamentos de jovens esportistas. Além disso, na

Baía de Traição todos podem ter acesso ao Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) – que fornece serviços, benefícios e projetos de assistência social, e ao Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS) –, onde qualquer pessoa que tenha sofrido “algum tipo de assédio, de discriminação, de abuso, de violência ou por demandar cuidados em razão da idade ou deficiência” pode ter atendimento. Nesse último caso, dá-se maior suporte às crianças e às crianças com deficiência. Na Baía da Traição também existem algumas associações, como a Colônia de Pescadores, a Associação de Agricultores e a Associação dos Professores.

Mas o Bato Lata é o único projeto social para o público de todas as idades, com várias oficinas e totalmente gratuito e que se enquadra no Terceiro Setor, tendo em vista que “o Terceiro Setor é composto por organizações de natureza ‘privada’ (sem o objetivo do lucro) dedicadas à consecução de objetivos sociais ou públicos, embora não seja integrante do governo (Administração Estatal)” (PAES, 2020, n. p.). Ou seja, o Terceiro Setor compõe organizações ou instituições privadas sem fins lucrativos, cujo interesse maior é a solidariedade e o bem comum.

Em suma, o Bato Lata é o único projeto social dedicado à educação não-formal na cidade, uma educação que está além das diretrizes escolares, e que acontece geralmente no horário contrário ao que as crianças e adolescentes frequentam a escola. A educação não-formal é marcada pela oferta de atividades esportivas, artísticas e ou profissionalizantes. Segundo Natali, a educação não-formal não visa substituir a educação formal (escolar), mas não se nega que, muitas vezes, os projetos que se enquadram no campo da educação não-formal preenchem as lacunas deixadas pela educação formal. É dessa forma que o Bato Lata é visto pelos professores, como um preencher de lacunas, como uma oportunidade de ocupar o tempo do aluno e uma forma de fazê-lo focar em algo para que assim evitem o mundo da criminalidade. Além de tudo, é um espaço de socialização, compartilhamento de vivências, experiências e uma rede de apoio para quem deseja se profissionalizar na oficina que participa.

A oficina de *surf* é um bom exemplo da forma como o Bato Lato tem modificado a trajetória dos participantes. Nesse caso, duas alunas têm participado de campeonatos regionais e estaduais. Uma delas, Ana Luiza, participou de um campeonato brasileiro em novembro de 2021 no Rio de Janeiro. Na Baía da Traição temos grandes referências do *surf*, pois muitos atletas profissionais saíram daqui e fizeram sucesso no Brasil, como a surfista Tininha e os surfistas Erbeliel de Andrade, Samuel Igo e Elivelton. Devido a isso, têm-se uma expectativa muito alta quanto aos resultados da oficina, porém essas expectativas são contraditórias, visto que os

investimentos financeiros no projeto são baixos em relação a equipamentos, materiais e no que se refere aos educadores, que são poucos e voluntários. (NATALI, 2009, p. 60). Mesmo assim, o Bato Lata segue apoiando e incentivando quem queira participar das oficinas e quem se destaque para que obtenham sucesso nos campeonatos.

1.2 CRIAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO INSTITUTO BATO LATA

Batizado com o mesmo nome da principal oficina, o Instituto Bato Lata de Esporte e Cultura (IBLEC) tem seu próprio regimento, uma diretoria composta de 10 pessoas, incluindo presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário de cultura, secretário de esportes e conselho. Dessas, apenas 3 pessoas não são professoras no projeto. O Bato Lata é uma iniciativa sem fins lucrativos que atende mensalmente cerca de 250 crianças, jovens e idosos da Baía da Traição, aldeias e cidades vizinhas.

Fundado em 20 de março de 2011 por Beto Bass, o projeto propõe-se a difundir o esporte, a arte e a cultura como ferramentas de desenvolvimento socioeducativo para jovens em situação vulnerável. Entre suas principais ações estão aulas de canto, capoeira, jiu-jitsu, percussão, *surf*, violão, futebol de base, grupo de mulheres, e ainda atividades recreativas e pedagógicas para os/as alunos/as.

Com uma proposta inovadora, o Bato Lata, além do treinamento e do acompanhamento pedagógico, cria eventos que estimulam a prática do esporte, da cultura e da arte com ênfase no processo educativo e na inclusão social, facilitando também a socialização. Todas as crianças e os jovens inscritos no Bato Lata participam de festivais, competições oficiais - como campeonatos municipais, intermunicipais, estaduais e brasileiros - e extraoficiais.

A origem do Bato Lata remonta às aulas de violão no antigo Programa Nacional de Inclusão de Jovens do Governo Federal (Projovem), em parcerias com estados e municípios. As aulas eram dadas por Beto Bass, que recebia salário do município até que o Projovem acabou e ele seguiu dando aula particular em sua casa. Entretanto, houve evasão, porque os alunos não estavam conseguindo pagar as mensalidades. Então ele passou a dar aulas gratuitas, dando início ao que seria o projeto Bato Lata. Em seguida, ele juntou os alunos e as alunas, procuraram latas de tinta, pediram às pessoas que pintassem casas, fizeram um movimento para juntar essas latas que depois serviriam como instrumentos. Foi assim que o Bato Lata foi originalmente criado: um grupo de jovens que tocam percussão com instrumentos reciclados.

Após o sucesso do grupo, Beto Bass falou com o prefeito da época e com o presidente da Câmara Municipal para que eles dessem um espaço para os ensaios, pois o grupo fazia muito barulho e incomodava os vizinhos. Os ensaios passaram a ser então na Câmara de Vereadores durante dois dias na semana. Ali, Beto ficou dando aulas de violão e ensaiando com o grupo Bato Lata, mas diante da inflexibilidade com os horários dos ensaios, devido ao regimento da Câmara, Beto entrou com um novo pedido ao prefeito. Foi assim que um espaço anteriormente destinado à aulas de corte e costura passou a ser ocupado pelo Bato Lata até os dias atuais.

O gerador de energia e a água do Bato Lata são compartilhados com a Câmara. Em tese, o Bato Lata teria o direito de ocupar esse espaço por 8 anos e esse prazo venceu no ano de 2020. Não tive informação se o contrato foi renovado, porém o projeto permanece na mesma sede.

No início, professores e professoras vieram voluntariamente participar do projeto, trazendo as atividades com as quais já trabalhavam em outros espaços. Porém, mesmo cada oficina tendo seu/sua professor/a, Beto participa auxiliando os/as professores/as, ou até mesmo dando as aulas. Como foi o caso do *surf* durante o tempo em que eu fiz a pesquisa, pois os dois professores, Doutor e Pinto, não puderam ir, por estarem desempregados, dependendo de “bicos” que apareciam. Como tiveram que se ausentar para trabalhar, Beto deu aulas de *surf* no lugar deles para que a oficina não ficasse sem as atividades - temendo que a descontinuidade pudesse levar ao desinteresse definitivo de alunos e alunas.

A sede do instituto é emprestada pela prefeitura desde 2012. O local fica no centro da cidade por trás da Câmara dos Vereadores, em frente a um bar e ao lado da Colônia de Pescadores. Quando fiz a pesquisa de campo em 2019, sua estrutura não era das melhores: um salão com uma secretaria onde ficavam os violões, uma mesa com cadeiras, documentos e um armário pequeno. Havia um depósito e um banheiro cuja porta não fechava. A parte da frente estava na fase de acabamento, pois havia passado por uma reforma que serviria para aumentar o espaço. O restante das paredes estava com o reboco caindo, mas percebia-se que as cores desbotadas nas paredes eram baseadas na cultura afro (verde, vermelho e amarelo). Havia alguns murais de fotos e o piso estava esburacado. Não tinha quadro negro. O salão tinha tatames e pranchas de *surf*, com cadeiras azuis escolares que a diretoria do instituto conseguiu em alguma escola do município. Havia dois ventiladores: um novo que foi trocado enquanto eu fazia a pesquisa e outro bem velho. Mesmo assim, isso não era suficiente para dar conta do calor, pois o salão era abafado. Em suma, o espaço não era atraente, faltava cuidados e organização.

Apesar da precariedade do local em que funciona, o Bato Lata mostrou-se um projeto grandioso capaz de trazer voluntários que sequer tinham trabalhos remunerados e que, apesar da vulnerabilidade financeira, demonstravam dedicação ao projeto. Há um esforço dos professores e professoras que mesmo sem tempo devido à rotina de estudo e trabalho conseguem dar aula semanalmente. Alguns deles, mesmo morando longe e sem transporte, conseguem ir no ônibus escolar para que os alunos não fiquem sem aula. É diante desses esforços diários que notamos a força que o Bato Lata tem. Apesar das dificuldades o projeto segue crescendo cada dia mais e isso é percebido pelos troféus conquistados e pelas participações em competições.

1.3 DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO BATO LATA

No dia 21 de agosto de 2019, a sede do Bato Lata ficou sem eletricidade, devido à falta de pagamento à empresa de energia. Foram cinco meses sem a prefeitura pagar as contas. Assim como a água, a energia era vinculada à Câmara dos Vereadores e não houve o pagamento da energia. Além disso, a Energisa (empresa de energia) exigiu também que mudassem o medidor de luz, pois o mesmo não estava no padrão exigido.

Na quarta-feira em que houve o corte da energia, a turma de jiu-jitsu começaria a oficina às 18h30, mas teve que dar início às 19h15, já que a sede estava no escuro e não havia outro local para ter aula. Enquanto aguardávamos uma solução, eu, três meninos e uma menina, nos sentamos na calçada da Colônia de Pescadores e ficamos conversando em frente ao bar que tocava música alta. A solução encontrada por Beto foi nos deslocarmos para a Colônia de Pescadores, levando os tatames. No dia seguinte, a turma de violão da manhã também foi para a Colônia, se acomodou no tatame que ficara ali na noite anterior, e assim seguiu durante três meses. Algumas oficinas ficaram sendo realizadas na Colônia e outras na sede do Bato Lata.

Essa permuta chegou ao fim no dia 22 de outubro de 2019, quando resolveram puxar, de forma ilegal, a energia da Colônia para a sede do Bato Lata. Segundo Beto, já houve o pagamento das dívidas atrasadas e já foram cumpridas as exigências da Energisa, fazendo a mudança do medidor, mas a companhia energética não quis religar a luz devido a uma dívida ativa no valor de 3 milhões de reais da prefeitura na empresa, que vai desde o primeiro prefeito até o atual. Essa situação, de atrasar pagamentos de órgãos públicos e a Energisa desligar a luz, acontece tem um tempo, porém a Energisa demora para religar mesmo com o pagamento sendo feito.

Mesmo sendo um projeto independente, o Bato Lata acaba se sujeitando a alguns favores cedidos pela Câmara de Vereadores e a prefeitura, ficando exposto a situações como essa que, apesar de serem raras, desestabilizam o projeto quando acontecem.

1.4 AS REDES SOCIAIS DO BATO LATA

O Bato Lata tem como meios de comunicação as seguintes redes: whatsapp, facebook e uma conta no youtube. O grupo IBLEC do aplicativo *Whatsapp* é composto por alunos, pais e professores que juntos somam 137 pessoas. Este grupo tem a finalidade de dar informações, divulgar eventos, compartilhar fotos dos alunos e para os pais avisarem quando o aluno não for para a aula, mas o grupo tem servido também para lembrar aos pais da contribuição mensal ao Instituto. Com frequência, uma integrante da diretoria pede para que a contribuição seja feita, pois o Bato Lata não tem condições de se manter só e sem a ajuda o projeto não consegue mais alunos.

Por sua vez, o *Facebook* é utilizado para compartilhar os vídeos gravados por Beto, para parabenizar os alunos no dia do aniversário e quando ganham ou participam de algum campeonato. No geral, serve para compartilhar a rotina dos alunos nas respectivas aulas. Já o canal “Instituto Bato Lata de Esporte e Cultura” no youtube, conta com 649 inscritos e com inúmeros vídeos de gravações de aulas, participações dos alunos em campeonatos, festivais e eventos, com visualizações que passam de 600. O canal tem a finalidade de alcançar um público mais amplo, algo que fica evidente na descrição de um vídeo de uma aula de *surf* de dezembro de 2019, onde apresenta-se o projeto e faz-se um apelo a quem quiser apoiá-lo:

O IBLEC Instituto de Esporte e Cultura nasceu em 2011 tendo seu registro em 2016. É uma organização não governamental, sem fins lucrativos com autonomia administrativa e financeira. Temos como objetivo oferecer o contato de crianças, jovens e comunidade com várias formas de artes, cultura, esporte e lazer, que eles não teriam contato facilmente no dia-a-dia. Com esse objetivo, o instituto tem conseguido nos últimos anos tornar arte, esporte e cultura parte do cotidiano de muitas pessoas. É um projeto que gera novas alternativas e atividades para os alunos como Aula de Canto, Aula de Violão, Capoeira, Dança, Futebol, Grupo de mulheres Raio de Sol, Jiu-Jitsu, *Surf* e Percussão com Latas e isso melhora a qualidade de vida e saúde deles. Por acreditar que o esporte e a cultura são instrumentos fundamentais no processo de desenvolvimento, transformação social e evolução humana, o IBLEC promove diversas ações onde atuamos, por meios de eventos, palestras, apresentações e oficinas de capacitação cultural e projetos que proporcionam a inclusão social por meio do esporte, cultura alinhado com práticas esportivas e educativas. IBLEC – Instituto de Esporte e Cultura Baía da Traição PB. Quem puder nos ajudar a manter o instituto, esta é a nossa conta.

Conta Corrente: 39448-3 Agência: 2009 CNPJ: 26.764.513/0001-62 (FILME IBLEC, 2019, n. p.)

1.5 FINANCEIRO DO BATO LATA

Em 2018 passou-se a cobrar uma contribuição no valor de 5 reais mensais por aluno, independente da quantidade de oficinas de que participasse. Esse valor seria revertido para ajudar na manutenção do projeto. Mesmo assim, quem não tem como contribuir ainda pode participar do projeto. Antes disso, não era cobrado nenhum valor, mas a diretoria teve essa iniciativa, porque no final do mês o projeto sempre estava no vermelho e esse valor poderia ajudar a equilibrar o saldo negativo. O único patrocínio mensal que o Instituto recebe é de 50 reais da Farmacia Nova Farma, e patrocínios espontâneos. Algumas pessoas doam material para futebol, *surf* e material para ajudar nas reformas da sede. Os integrantes da diretoria também ajudam financeiramente quando podem.

Assim, as despesas que excedem a arrecadação mensal vem de diversas fontes. De maneira geral, o Bato Lata e Beto Bass arcam com a maior parte dos custos, como: manutenção da sede, transporte de alguns professores, materiais para as oficinas, inscrições, hospedagem, alimentação e transporte para eventos e campeonatos quando a prefeitura não consegue disponibilizar. Era do salário de vereador de Beto Bass entre os anos de 2013 e 2020 que saíam 500 reais para arcar com os custos mensais. Dependendo da demanda, esse valor aumentava, como quando ele gastou 400 reais para pagar as inscrições para 6 alunos competirem no campeonato de futebol em Mamanguape-PB no ano de 2018. Fora isso, ainda foi necessário o aluguel do táxi para que os alunos pudessem tirar a documentação necessária: as inscrições na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), porque precisavam ser associados para participar de campeonatos a nível estadual.

Beto Bass também ajuda o mestre de capoeira com 200 reais por mês, pois ele mora em Itapororoca, a 46 quilômetros da sede do Instituto. Esse valor o ajuda no combustível e na alimentação. O professor de jiu-jitsu também recebe apoio financeiro quando está sem transporte.

Por outro lado, quando o Bato Lata precisa de algum ônibus para transportar os alunos, seja de uma cidade para outra ou dentro da Baía da Traição, o prefeito faz a doação. Mas se for no final de semana, os alunos arrecadam algum valor entre si para dar ao motorista, pois no final de semana nenhum motorista quer ir e essa ajuda é também uma forma de garantir que o motorista aceite a próxima vez que chamarem.

Algumas coisas que o Instituto tem de material foi o Beto que comprou, como os violões. Dos dez violões, apenas quatro foram doados. Os materiais do futebol, como uniforme, eventualmente recebem algum patrocínio. De outro modo, Beto Bass arca com os custos.

O caso da oficina de *surf* mostra bem esse misto de iniciativas que contribuem para a existência e continuidade das oficinas. Quando à oficina de *surf* ainda não fazia parte do calendário semanal do Instituto, Beto Bass conseguiu a doação de dez pranchas de *surf*. Mais recentemente, já no âmbito do Bato Lata, Samuel Igor, surfista profissional e ex-morador da Baía da Traição, fez a doação de 16 pranchas. O frete das pranchas de 1.200 reais foi custeado por Beto Bass (500 reais), o vereador Erbeliel – ex-surfista profissional – (500 reais) e o próprio Samuel Igor (200 reais).

Outro exemplo que mostra a diversidade de atores mobilizados na arrecadação financeira, material e de mão de obra do Bato Lata foi a recente reforma da sede. A prefeitura cedeu os pedreiros para fazerem o piso, o material foi comprado parcialmente pelo Bato Lata, que também recebeu uma doação de dez sacos de cimento de uma candidata a vereadora na época.

Houve um tempo em que a prefeitura ajudava financeiramente o Bato Lata através de ofícios especificando o evento que iriam participar, data, quantidade de alunos e o valor. Só que na prestação de conta que é feita anualmente, era como se aquela despesa fosse criada e a prefeitura poderia ser penalizada por desvio de dinheiro. A alternativa encontrada por Beto Bass foi criar um projeto de lei que assegura a prefeitura e permite o Bato Lata ser ajudado. Esse projeto teria que ser aprovado ainda em 2019 para que entrasse no orçamento de 2020, mas tinha uma vereadora da oposição com um projeto parecido. Aconteceu que, em 2019 não deu certo, não conseguiram colocar em votação não sei por qual motivo. O projeto aprovado naquela ocasião foi o do Bolsa Atleta, que ajuda mensalmente os atletas inscritos no programa, independente de fazerem parte do Bato Lata, e o Bato Lata segue da mesma forma, sem ajuda financeira da prefeitura.

CAPÍTULO II – AS OFICINAS DO BATO LATA

Figura 2 – Oficinas Bato Lata



Fonte: @iblec_bato_lata (2022)

Depois de conhecermos a origem e a forma de funcionamento do Bato Lata, neste capítulo irei descrever as oficinas ofertadas pelo Instituto. Algumas delas serão apresentadas de forma mais sucinta, outras irão contar com detalhes mais etnográficos do dia em que pude acompanhar o seu desenvolvimento. Como dito anteriormente, o Bato Lata é composto por diversas modalidades de atividades: aulas de violão, canto, *surf*, futebol, capoeira e jiu-jitsu, além de sediar os encontros do grupo de mulheres Raio de Sol.

2.1 VIOLÃO

Figura 3 – Oficina de violão



Fonte: @iblec_bato_lata (2021)

A oficina de violão foi a primeira oficina a funcionar no Bato Lata e é ministrada por Beto Bass. A oficina é dividida em duas turmas: nas quartas de 9h às 11h e nas quintas 15h30 às 17h. Mas as aulas sempre começam com um atraso de uns 10 minutos, pois o professor Beto Bass espera os alunos que moram mais longe chegarem, então o horário efetivo de início depende da quantidade de alunos presentes. Alguns pais levam e buscam os filhos, tem criança que vai de bicicleta e outros vão a pé. Há mais meninos que meninas e as idades são diferenciadas. Entre crianças e adultos, há um total de 10 a 12 alunos por turma.

A aula segue com bastante conversa entre os alunos e o professor passa exercícios específicos para cada um deles tendo em vista suas necessidades, quando não, passa o mesmo conteúdo para todos. Ao final da aula, os alunos que querem conversar com o Beto Bass sobre algo, permanecem na sala. Alguns jovens que hoje são conhecidos na área da música na Baía da Traição, iniciaram suas atividades nessas aulas de violão, como o professor de canto do Bato Lata, Valber,

e como Maria Clara e Vitor Rodrigues, que hoje além de tocarem violão, fazem shows particulares na cidade e região, entre outros que tocam em igrejas.

2.2 CANTO

A Oficina de canto é dada por um ex-aluno de Beto Bass, o professor Valber, formado em Música pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2021. Valber teve aulas particulares de violão com Beto em 2008 e em seguida no Projovem, fazendo parte de toda a trajetória até a formação do Instituto Bato Lata. Depois de Valber aprender a tocar violão e começar a cantar, começou a frequentar os shows particulares de Beto Bass, em alguns momentos cantava junto e recebia cachê. Atualmente, Valber trabalha como professor de música na escola Pedro Poti, situada na aldeia Mãe, São Francisco. Fora da escola trabalha fazendo shows em barzinhos, restaurantes e aniversários com voz e violão, e compõe uma banda estilo baile, para quando precisam de músicas dançantes.

As aulas de canto são ofertadas na sexta-feira às 15h. Antes era na segunda-feira, mas devido ao choque de horário com a faculdade de Valber, houve a mudança. São 9 alunos que fazem parte, de crianças a idosos, incluindo um rapaz que mora em Mamanguape-PB.

Na aula do dia 18 de abril de 2018 de que pude participar, o professor de canto já estava à espera para a liberação do local, pois o Grupo Raio de Sol ainda estava na sede, porém estava ficando escuro, e com a falta de energia no local, ficava inviável permanecer na sede. Então, foram para a Colônia de Pescadores e duas das mulheres que estavam no encontro do grupo Raio de Sol ficaram para a aula de canto. Ao todo estiveram 4 homens, 2 mulheres e uma mãe acompanhando a filha que é criança. Sentaram em círculo. Fizeram aquecimento e durante a aula de treinamento do coral, a música do bar em frente atrapalhou algumas vezes, o que acontece com frequência.

Durante a aula, o carro da empresa de energia elétrica veio para fazer o religamento da luz, mas não fizeram por não estar nos padrões exigidos. Os alunos aproveitaram para debater sobre o assunto, segundo eles, os próprios baienses — como são chamados os moradores de Baía da Traição — deveriam se unir para pagar a conta por serem beneficiados com o projeto, evitando que acontecesse isso novamente.

A oficina de canto faz um trabalho de coral para fazer visitas em hospitais ao menos uma vez ao ano. Durante a visita os alunos cantam e Valber acompanha no violão.

2.3 CAPOEIRA

A oficina de capoeira é oferecida pelo professor Azeilton que mora na aldeia Alto do Tambá e já tem um projeto educacional com a capoeira em sua aldeia. Segundo ele, esse é um meio de tirar os alunos dessa onda de drogas, pois através da capoeira o aluno sente confiança em si mesmo e no grupo de que faz parte. Alguns dos alunos que participam das aulas na aldeia Alto do Tambá acompanham o professor para terem aulas também no Bato Lata. Às vezes, Azeilton vem de moto própria ou no ônibus dos estudantes, alguns alunos que moram nas aldeias dependem desse ônibus para vir também. Os encontros acontecem nas terças e sextas às 19h, são em média 12 alunos, 4 meninas e 8 meninos. Beto Bass também participa das aulas como aluno.

Todos usam fardamento padrão da capoeira, calça comprida branca e blusa de manga branca. Iniciam a aula varrendo o local para que possam ficar descalços, se alongam, alguns alunos usam os instrumentos musicais durante o alongamento. A aula é bem dinâmica, fazem desafios entre si e os alunos se divertem. Ao menos uma vez por mês, o mestre dos professores de capoeira vem dar aula, uma forma de fortalecimento e renovação para o grupo.

2.4 JIU-JITSU

A oficina de jiu-jitsu é ministrada pelo professor João, presidente da diretoria e residente da aldeia Forte. Seu transporte é uma moto própria e geralmente sua esposa vem junto dar suporte nas aulas. Quando ele não vem, o aluno que é graduado, tem a faixa azul, dá a aula. São 13 alunos entre crianças e adolescentes, 3 meninas e 10 meninos. Eles mesmos trazem o quimono e vestem antes da aula, em seguida, fazem alongamento e aquecimento para dar início. A oficina acontece nas segundas e quartas, às 18h30. O professor João não foi receptivo comigo, não me senti bem em estar observando mesmo tendo pedido permissão ao mesmo.

2.5 SURF

Em 2019, as aulas de *surf* estavam sendo dadas pelos professores Doutor – que mora na Baía da Traição – e Pinto – que mora na aldeia São Miguel. As aulas acontecem aos sábados e o horário varia conforme a tábua de maré, ocorrendo sempre na maré seca, pois na maré cheia o mar é perigoso. Os alunos se encontram na sede do Bato Lata e vão juntos com os professores, escolhem o local com as melhores ondas, se alongam e dão início às aulas. Durante a aula, os professores entram na água, analisam o desempenho dos alunos e dão dicas sempre que necessário. Quando fiz

a pesquisa de campo, os professores se ausentaram, por não terem renda fixa e necessitarem sair para trabalhar. Assim, Beto assumiu para que os alunos não ficassem sem a atividade. A quantidade de alunos que participam não tem um número exato, pois sempre faltam alguns mas é na média de 17 alunos. Há duas meninas que frequentam as aulas e costumam participar de competições, ficando sempre no pódio. A faixa etária dos alunos é de 15 anos. Não presenciei aulas com iniciantes.

2.6 FUTEBOL

Figura 4 – Oficina de futebol



Fonte: @iblec_bato_lata (2021)

A oficina de futebol é ministrada por três professores e um preparador físico que atende todos os alunos. As aulas acontecem aos sábados das 7h às 10h no campo que fica no centro da cidade, ao lado do posto de combustível. Quando o campo está alagado devido à chuva, o treino ocorre na praia. O time Bato Lata Futebol Clube é masculino, tendo uma média de 110 alunos. Há divisões por categoria, o Sub 10 trabalha com alunos de 7, 8, 9, 10 anos de idade, é um professor específico e o preparador físico. O trabalho é mais lento, passo a passo, com muita orientação. O sub 13 é de 11, 12 e 13 anos, é uma turma maior com outros 2 professores e o preparador físico. O sub 15 e o sub 17 é uma turma que participa de campeonato, são mais velhos com idades de 14 a 17 anos, tem os professores específicos também para cada categoria, o treinamento é dinâmico,

tem treino específico para tudo, para goleiro, para quem é lateral, para quem é atacante e etc. Alguns pais acompanham os filhos e ficam durante os treinos, é recomendado que os alunos levem água e tenham tomado café antes de ir. Nas aulas de futebol, há cinco professores, mas Beto sempre se faz presente na oficina. Não treinam todas as turmas juntas, ao longo do mês, são sorteadas as turmas que irão treinar, geralmente avisam um dia antes pelo grupo do whatsapp a turma que irá treinar.

2.7 RAIOS DE SOL

Figura 5 – Oficina do grupo Raio de Sol



Fonte: @iblec_bato_lata (2022)

O grupo de mulheres Raio do Sol é coordenado pela assistente social aposentada Luzia Brandão e se encontra nas segundas às 15h30. O grupo faz parte do Instituto há 5 anos e antes fazia parte do CRAS na prefeitura, mas a nova gestão demitiu Luzia e não poderiam continuar participando no CRAS. Com isso, ela continuou realizando os encontros em sua casa, e em seguida Beto fez o convite para participarem do Bato Lata. O grupo tem como objetivo trabalhar a qualidade de vida, o envelhecer saudável, seguindo o lema: ‘mente sã, corpo são’, trabalha temas da atualidade como depressão, autoestima, cuidados, bem-estar, lazer e etc. O único critério para fazer parte do grupo é ser mulher.

O grupo Raio de Sol se assemelha ao grupo Mensageiros da Paz, criado pela Prefeitura Municipal de Mamanguape-PB que fica a 27km da Baía da Traição. No caso, o Mensageiros da Paz é um grupo de convivência para pessoas idosas independente do sexo, acima de 60 anos de idade, que vivem em situação de vulnerabilidade social, mas quem tiver interesse pode frequentar o grupo. Segundo Santos (2019), as pessoas que procuram o grupo estão em busca, entre outras coisas, de atividades/práticas de lazer, e são atraídos, muitas vezes, pelo bem-estar proporcionado pelo grupo. O mesmo foi percebido no grupo Raio de Sol. Em meio ao trabalho de campo, observei o quanto algumas mulheres, principalmente as mais idosas, se sentem confortáveis em conversar sobre seu dia a dia. Compartilham detalhes de suas vidas que, para muitas pessoas, podem não ter importância, como uma senhora que descreveu sua neta respondendo mal à mãe, e repreendendo a ação da neta, dizendo que na sua época jamais isso seria permitido. É evidente que grupos como esses significam realmente um espaço de acolhimento que, muitas vezes, não se encontra em outros espaços.

O Raio de Sol tem esse nome porque em um encontro, quando ainda faziam parte do CRAS, uma mulher chegou para Luzia e disse que o grupo brilhava igual um raio de sol, então deixaram de ser o grupo de idosas – que na época só atendia mulheres acima de 60 anos – para serem o Raio de Sol.

A dinâmica dos encontros ocorre da seguinte forma: as cadeiras são colocadas em círculo para que todas se vejam e fiquem mais próximas. O encontro é iniciado com um louvor, mãos dadas e olhos fechados para se conectarem com o momento. Em seguida, Luzia inicia com o tema do dia fazendo uma breve introdução. O encontro segue com uma roda de conversa sobre o tema, em alguns momentos as mulheres falam sobre como se sentem em relação ao encontro, ou até mesmo sobre algum sentimento reprimido que trouxeram de casa. Particularmente, me senti muito confortável naquele espaço, por eu ser da mesma cidade que as participantes, todas me conhecem, não me senti uma estranha, tive vontade de participar do grupo após finalizar o TCC.

Atualmente fazem parte do grupo 50 mulheres, com idades entre 30 e mais de 60 anos. Sempre que possível fazem passeios culturais para conhecer outros lugares, pois reconhecem essa atividade como lazer - uma vez que muitas dessas mulheres não têm oportunidade de fazer passeios - e também como uma ajuda para manter o grupo unido.

Para a realização de passeios e eventos – como o baile de debutante que é realizado uma vez por ano e une todas as mulheres que irão completar 60 anos naquele ano –, elas fazem rifas

para vender. Vendem mungunzá na rua e cachorro quente em espaços públicos como a praça central e a praça da igreja matriz. No início da pandemia, fabricaram máscaras para vender a fim de arrecadarem fundos para o grupo.

No encontro do dia 18 de abril de 2019 cheguei faltando 5 minutos para o horário de início. Algumas mulheres estavam sentadas em círculo e uma mesa ao centro, falei com Luzia sobre a pesquisa e ela permitiu que eu ficasse para a observação. Mesmo sem energia, o encontro foi no Bato Lata, fazia calor e estava um pouco escuro, mas as mulheres pareciam não ligar, conversavam entre si. Ao iniciar, Luzia pediu para que as mulheres se levantassem e ficassem de pés descalços, dessem as mãos, e orassem por uma mulher que estava enferma. Após esse momento de espiritualidade, criou-se um momento induzido por Luzia para que elas falassem sobre os sentimentos, algumas choraram enquanto falavam.

Nesse encontro, falou-se sobre o amor próprio, a importância e a força do grupo, que apesar de não estarem ligadas a nenhuma instituição financeira, e mesmo com a precariedade do local em que se reúnem, as mulheres não desistem de vir. Falaram também sobre o local estar sem energia, que isso é consequência da falta de importância que as pessoas dão para o Instituto, e que, se os pais que têm os filhos no Bato Lata ajudassem, o Instituto estaria em melhores condições.

Naquela ocasião, estiveram presentes 29 mulheres, senhoras, donas de casa e de diferentes idades. Encerraram a atividade com as mãos dadas, fizeram duplas e ficaram de frente falando o quanto aquela pessoa é importante e se abraçaram. Vejo a importância desse grupo como sendo fundamental para a cidade, para o Bato Lata, para as mulheres que frequentam e para os familiares que aguardam em casa.

CAPÍTULO III – A TRAJETÓRIA DE BETO BASS

Figura 6 – Beto Bass



Fonte: @iblec_bato_lata (2022)

Neste capítulo, será apresentada a trajetória de Beto Bass em relação ao Bato Lato. Como já foi mencionado, Beto é o fundador do Instituto e a história de sua vida está intrinsecamente relacionada ao Bato Lato. Além disso, existe uma espécie de personalismo nessa relação: não só não é possível falar do Bato Lato sem mencionar o Beto, como também é muito provável que sem o Beto, o Bato Lato deixaria de existir. Ficará claro a seguir que o Bato Lato é o Beto Bass.

3.1 ENTREVISTA COM BETO

Para expressar essa relação tão pessoal, realizei uma entrevista com Beto no dia 10 de outubro de 2019. A entrevista foi feita no Bato Lata e gravada. Neste capítulo, discorro sobre a sua trajetória por meio da entrevista que fiz com ele e também me valho de algumas respostas de outros professores do Instituto em entrevistas concedidas também em 2019.

Escolhi o Beto Bass para ser um dos professores entrevistados porque ele deu origem ao Bato Lata e por eu ter tido mais contato com ele durante a pesquisa. Marquei a data para uma quinta-feira, após a oficina de violão. Elaborei questões chave baseadas nos tópicos: 1. Sobre ele, 2. Sobre o Instituto. Sobre ele quis identificar sua origem, seu primeiro envolvimento com a

música, se houve influência por alguém da família e sua rotina semanal. Sobre o instituto, busquei levantar questões que na observação a curto prazo não conseguiria, como: 1. Como começou o Instituto Bato Lata? 2. O que te fez querer expandir o projeto para além da música? 3. Quais as maiores dificuldades que você encontra até hoje? 4. O que te motiva a dar continuidade ao projeto? 5. A prefeitura municipal tem algum papel importante no Instituto? De acordo com cada resposta fiz outras perguntas que me pareceram importantes e deram continuidade à entrevista, ao todo foram 41 questões. Percebi que ele já estava cansado por conta da aula que tinha dado e tinha algumas pessoas querendo falar com ele, acredito que isso tenha influenciado no rendimento da entrevista. A seguir, falarei sobre quem é Beto Bass e qual sua importância para o Instituto Bato Lata.

Beto Bass é registrado como José Roberto da Silva. Nasceu na aldeia Forte em Baía da Traição-PB, filho de ex-palhaço que costumava cantar em serestas e escolas. Foi pintor de letreiros e fachadas e, em 1995, participou do seu primeiro festival de música em Campina Grande-PB. “Eu participei do festival de música sem saber nada de música. Então eu compus uma música e um amigo nosso colocou a melodia na música, e nós fomos participar do forró fest, e nós ficamos em 2º lugar entre duas mil músicas na Paraíba. Aí começou tudo daí.” (Beto Bass).

A partir daí começou sua carreira na música: compôs, participou de bandas de forró da região e fez shows particulares. Em 2008 foi chamado para trabalhar no Projovem como professor de violão. Quando o programa terminou, Beto começou a dar aulas particulares como meio de sobrevivência. Porém, por conta da evasão dos alunos que não podiam pagar a mensalidade, ele decidiu deixar as aulas gratuitas: “Pronto, a partir de tal data ninguém vai pagar mais nada, aí foi quando começou o primeiro passo do projeto, que eu não sabia que ia ser esse projeto.” (Beto Bass).

Inicialmente as oficinas eram apenas as de violão e de percussão, que eram as que Beto dominava. Entretanto, o projeto foi crescendo:

“Aí veio o jiu-jitsu, aí veio a capoeira, aí foi aparecendo o futebol e depois Válber apareceu com a aula de canto. Depois veio César com a turma de ginástica. Então o projeto ficou enorme! Depois apareceu Luzia com a turma das mulheres, aí o projeto hoje tá com quase, se a gente for levar em conta todos os alunos, são quase 300, de 5 a 60 anos.” (Beto Bass)

Com o crescimento do projeto, veio a necessidade de um nome forte. A escolha do nome se deu em relação ao grupo de percussão que fazia instrumentos com materiais reciclados de latas de tinta:

“Como eu tenho o Bato Lata como um grupo cultural, porque envolve músicas culturais e também uma coisa ecológica, eu queria dar ênfase a isso. E também [foi] uma maneira de homenagear a minha parte como músico, porque assim, tudo o que eu tenho, tudo o que eu sou hoje eu devo à música. Aí, pra mim, é tipo uma homenagem que eu faço à música por tudo o que ela fez por mim” (Beto Bass)

Além do nome, Beto considera que o marco inicial do projeto foi uma apresentação que homenageava o Instituto:

“[...] foi quando a escola que eu não me recordo o nome, da aldeia Tracoeira, ela fez o desfile cívico todo baseado no Instituto Bato Lata, todas as oficinas eles colocaram como alas, ali pra mim eu fiquei muito emocionado nessa apresentação.” (Beto Bass)

Não era somente o projeto que se tornava conhecido na região de Baía da Traição. À medida que o Bato Lata se fortalecia, a popularidade de Beto também crescia. Foi quando ele recebeu o convite para se candidatar a vereador em 2012. Em 2013, Beto foi eleito e assumiu o cargo de vereador, mas continuou como professor e responsável pelo projeto em ascensão. Enquanto vereador, utilizava parte do seu salário para ajudar no financiamento do projeto, pagava transporte para os professores, custeava transporte para os alunos irem à capital tirar documento, mantinha o funcionamento do Bato Lata, pois um dos maiores desafios do projeto é a falta de patrocínio. Em suas palavras:

“O maior desafio (?) que a gente encontra até hoje é encontrar parcerias financeiras, porque todo projeto social vive de doação e nós não temos doações financeiras, então essa é a parte que desde o início até hoje a gente sente essa falta, sente essa necessidade. Tem algumas pessoas que ajudam a gente, mas a gente não tem aquela coisa certa, às vezes eu fico pensando assim, que graças a Deus esse projeto cresce cada dia mais por conta de carinho, porque se fosse ver mais por essa parte eu não sei se ainda existiria.” (Beto Bass)

Quando questionado sobre o que lhe motiva a nunca ter desistido do projeto em meio a tantas dificuldades, ele rebate que é a gratificação que o projeto lhe traz o maior motivo que o leva a continuar:

“São vários aspectos. O primeiro, que é o mais positivo, é você ver as pessoas que entraram, os alunos que entraram sem saber de nada pra oficina que escolheu, aí exemplo: hoje representa a Paraíba, representa o município ou representa a entidade. No *surf*... No *surf* nós temos as meninas que são as melhores da Paraíba, no futebol hoje no nível regional nós somos um dos melhores, porque nos campeonatos a gente fica entre os primeiros, no jiu-jitsu também somos um dos

melhores, porque em vários campeonatos os alunos vem em destaque, em primeiro lugar.” (Beto Bass)

Durante os oito anos de seu mandato (2013-2020), Beto se desdobrou enquanto professor e vereador, ambos os papéis se completavam e faziam sua semana mais corrida. Segunda e terça eram os dias em que ele resolvia assuntos pessoais, questões da Câmara:

“Aí da quarta pra o domingo é os dias que eu entro no projeto. Quarta é a aula de violão durante manhã e tarde e à noite vem o ensaio do bato lata. Aí, a quinta repete as mesmas coisas. Aí, na sexta eu já sou aluno que é a capoeira, que eu esqueci de falar na terça a tarde eu faço parte da atividade. Aí, no sábado de manhã, a gente começa logo cedo com a turma do futebol que vai até 10 horas. Aí, 10 horas tem o *surf* que pode ser após o futebol ou a tarde, vai depender da maré e é assim minha semana. Aí vem os trabalhos do legislativo que é as sessões na câmara, no dia de folga você estuda o projeto que tá em andamento...” (Beto Bass)

Apesar de ser a “cabeça” do projeto, Beto não faz parte da diretoria por ter exercido o cargo de vereador. Mas além de professor, ele ajuda nas outras oficinas também. Quando questionado sobre o porquê dele auxiliar os outros professores, ele respondeu o seguinte:

“Porque eu sinto deficiência, vou dar o exemplo do futebol: no futebol hoje a gente tem 5 professores lá, mas os alunos e os pais não procuram os professores pra nada. Se eu não estiver lá, nada se resolve. Eu tô tentando mudar isso, pra eles começar a ter um relacionamento mais direto com os alunos e os professores, ter autonomia. Aí pronto, exemplo: no *surf*, porque também os professores não têm uma renda fixa, aí tem Doutor e Pinto que fica responsável direto pelo *surf*, mas no momento os dois não estão podendo ir. No caso, se eu não tomar à frente praticamente vai acabando a oficina, porque vai ficando sem a atividade, aí eu fico me dividindo nas atividades, praticamente todas” (Beto Bass)

Diante disso, vemos a necessidade de um apoio não só financeiro, mas dos próprios alunos, pais, para que em situações como essas possam também ajudar para que as oficinas não fiquem sem suas atividades. Sobre isso Beto diz o seguinte:

“Às vezes, tem uns alunos lá que dá uma força, que ajuda, sabe? Que eu queria muito que fosse assim, que quando eles vissem estar necessitando de ajuda que eles fossem lá e ajudassem, porque o projeto ajuda muito eles, se empenha muito por eles. Principalmente pra participar de eventos, de campeonatos, a gente que tem que conseguir tudo, inscrições que não é barato, hospedagem, alimentação, transporte. A gente sente muito, muito, muito a falta dos pais e dos alunos nessa parte de ajudar, de contribuir e tem alguns pais que acha que não tem obrigação nenhuma pelo fato de eu ser vereador, e não entende que o beneficiado direto são

os filhos deles [...]. Eu acho que se um dia eu sair do Bato Lata, não sei se sobrevive, porque é complicado. Por algumas vezes, eu me sinto só, se eu não fizer ‘das tripas coração’ pras coisas darem certo, não anda, porque não tem apoio dos pais, a gente sente falta do carinho dos alunos.” (Beto Bass)

Aqui, Beto reúne uma série de elementos que faltam no Bato Lato, além do aspecto financeiro. Trata-se da falta de engajamento por parte da comunidade com o projeto em termos de responsabilidade, como se as pessoas só usufruíssem, mas não estivessem dispostas a “arregaçar as mangas” pelo projeto. Posso pensar que a relação pessoal de Beto seja tão forte com o Bato Lata, que as outras pessoas o vêem como o único responsável pelo mesmo.

Além dessas questões, prevalece a necessidade de apoio financeiro e de mão de obra. Isso é identificado nas falas dos professores do Bato Lato que pude entrevistar, como Luzia, coordenadora do Grupo Raio de Sol que diz o seguinte

"Pedimos aos pais a contribuição de 5 reais, mas esses 5 reais não estão chegando, são poucos os que contribuem. O *surf* você precisa de inscrições, não é barato, precisa de um alimento, um lanche, futebol precisa de bola! Bola não é barato, então não dar 5 reais é porque não é prioridade para seu filho, porque se fosse, você doaria 5 reais. A maioria da nossa cidade é pobre, mas a maioria tem Bolsa Família, daria para dar 5 reais para seu filho, se você pensar quanto é uma aula de violão, quanto é uma aula de *surf* que você paga por aí, capoeira, futebol. Hoje você tem o menino que treina o goleiro, tem gente participando, eu acho que o importante seria uma campanha que ajudasse o Bato Lata, isso é o que a gente tá precisando.” (Luzia)

Ao final da entrevista, Luzia disse ainda que não vê retorno dos pais, que deveriam ajudar seja varrendo a sede, seja pintando, já que os filhos são beneficiados.

Para o professor de canto, a falta de ajuda financeira se dá por Beto ser vereador,

[...] por conta da ignorância de outras pessoas, não são todas, mas boa parte, que acha que por Beto ser vereador acaba exigindo mais do que deveria, e fazendo menos, “-Ah, Beto é vereador, ele tem dinheiro pra manter”, não é assim. O Bato Lata vive de doações, da boa vontade do povo, mas que muitos enxergam assim, que Beto é vereador, tem ajuda da prefeitura, não é 5 reais que eu vou dar que vai ajudar, e que faz total diferença os 5 reais que cada um der [...] (Valber)

Se talvez Beto seja visto pelos pais dos participantes das oficinas como um patrocinador do projeto, para os alunos, Beto é tido como um amigo, com quem eles podem brincar, conversar sobre coisas que normalmente não conversariam com os professores. É tido como alguém que passa confiança, respeito. Durante o período da minha pesquisa, isso foi o que mais ficou nítido, essa relação de amizade que o projeto proporciona entre Beto e os alunos.

Apesar de breve, nesta pesquisa pude perceber que, de alguma forma, Beto é o Bato Lata. Ele vive em função de fazer o Bato Lata crescer e ama o processo. Em suas palavras: “Eu, sem o Bato Lata, não sou nada, porque é uma coisa que você gosta, é como se fosse um filho que você vai criando. Sei nem explicar... Porque, assim, se eu não tivesse o Bato Lata, eu não tinha o que fazer.” (Beto Bass)

É com esse sentimento que ele é visto por Valber, o professor de canto:

Beto é uma cabeça dura, que ele quer tá envolvido e claro deve estar envolvido, mas ele faz muito, faz muito pelo Bato Lata e se torna cansativo pra ele. Ao invés de produzir mais, ele acaba gastando tempo demais e produzindo menos. Eu acho assim, já até disse pra ele, eu acho errado ele fazer assim, mas ele gosta, quer estar por dentro de tudo, envolvido em tudo [...] (Valber)

Para Luzia, a dedicação de Beto é uma forma de ajudar o outro, mas, algumas vezes, é ele quem precisa de ajuda:

“Eu sou muito fã de Beto Bass. Beto é uma pessoa pobre que nasceu na nossa cidade, mas que sempre quis ajudar o outro e ele é muito determinado, mas ele precisa muito de ajuda. Ele é uma pessoa que pensa muito em ajudar as pessoas esquecendo o seguinte, que tudo na vida é troca: eu dou aquilo que eu recebo e ele não, ele quer sempre estar dando, fazendo sem esperar que você dê em troca, mas um trabalho desse, a gente tem necessidade de troca, se eu tenho aula de violão para dar a um filho seu, por que você não vai varrer lá? Por que não se juntar e fazer um mutirão e pintar? Não é só questão do dinheiro, eu não vejo isso, mas Beto é o cabeça, Beto não fica na diretoria até porque ele é vereador, mas ele tá lá nas oficinas do Bato Lata, do *surf*, ele é de tudo, às vezes a gente chama ele pra dar uma parada, mas ele não, ele quer tá presente, quer tá ali, porque é o cabeça.” (Luzia)

Ao final da conversa perguntei sobre qual a visão de futuro que ele tem para o Bato Lata e ele respondeu o seguinte:

“Se for do jeito que a gente imagina, do jeito que eu imagino, imagino o instituto com uma sede ampla, se for aqui com um teto superior, creio que recebendo encargos, pra você até poder pagar alguns funcionários, mesmo que não possa pagar, mas pelo menos uma gratificação, porque mesmo sendo um projeto voluntário que a gente possa de alguma forma dar uma contrapartida. Eu vejo um futuro bem melhor pro projeto, uma vez que a gente consiga também escrever o projeto no Criança Esperança. São expectativas que a gente tem pra melhor.” (Beto Bass)

Em 2020, Beto não se reelegeu, o que dificultou o funcionamento do Bato Lata, após as eleições, ele ficou um período com as portas fechadas, mas com a ajuda dos voluntários retornou

a rotina normal. Hoje com 48 anos, tem um cargo comissionado na prefeitura, o que lhe ajuda a se manter e a continuar com o Bato Lata.

3.2 DOANDO-SE PARA O PROJETO

Sua história de doação veio antes do Bato Lata, iniciou quando percebeu a necessidade dos alunos em não poderem pagar suas aulas particulares que eram dadas na sua casa, e as deixou de graça. Beto é uma pessoa humilde e tido por todos os que teve contato como uma pessoa que gosta muito de ajudar os outros, mas que precisa de ajuda também. Em alguns momentos vimos durante esse trabalho ele como parte fundamental para a manutenção do Bato Lata, pois tirava parte do seu salário para custear as despesas, mas Beto é muito mais que apenas ajuda financeira.

Beto Bass doa entre tantas outras coisas o seu tempo, durante a semana os dias são dedicados em dar aulas, auxiliar os outros professores e participar de quase todas as oficinas, para mim a doação de tempo ao Bato Lata é a doação mais valiosa que o projeto pode receber, nele há dedicação e persistência, sem o tempo dedicado a manter a rotina do projeto não há projeto. Mas, o que Beto Bass, atualmente funcionário comissionado da prefeitura recebe em troca de sua doação pelo projeto? Segundo Mauss (2003), as relações sociais são baseadas em troca, não troca monetária necessariamente, mas de afeto, de ritos, de dádivas.

A primeira retribuição significativa que Beto Bass alcançou foi quando a escola da aldeia Tracoeira homenageou o Bato Lata no carnaval. O reconhecimento por estar fazendo algo pela cidade é o que ele recebe por sua dedicação, gerando um ciclo de doação e retribuição. A doação vai na forma de tempo; do ensinamento das aulas; no acompanhamento dos alunos em outras oficinas; no dinheiro entregue para manutenção do Bato Lata; na compra de violões. A doação é o dia a dia dedicado ao projeto; são os projetos de lei criados enquanto vereador para beneficiar os alunos; é levar os alunos para tirar a documentação na capital para poderem participar de campeonatos.

Tudo o que é dado pelo Beto para o projeto é voluntário, é constante por haver circulação de dádivas e contra dádivas, o que ele recebe de retorno por sua doação é ser reconhecido por ser o “cabeça” do projeto; por ser chamado a eventos levando o nome do projeto; por ser a quem os professores recorrem quando precisam ter alguma iniciativa, isso faz dele alguém importante no Bato Lata. Beto não é só o fundador do Bato Lata, ele é o Bato Lata como já mencionei

anteriormente, há um certo prestígio nisso, em saber que é parte fundamental para permanência do projeto ao mesmo tempo que é necessário a doação.

Ou seja, esse ciclo de doação pelo Bato Lata é retribuído em forma de reconhecimento, prestígio, divulgação do próprio projeto, admiração pelas pessoas que conhecem o Bato Lata e reconhecem o esforço necessário para mantê-lo, gratidão dos pais e alunos que frequentam. Tudo isso volta para o próprio Beto quando o Bato Lata recebe doações, quando os alunos conquistam os pódios, quando há mais pessoas querendo se voluntariar, pois é o nome dele que recebe o prestígio em ser o fundador do Bato Lata, em troca ele só precisa continuar fazendo suas doações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mauss investiga as relações sociais fundadas em dar e receber presentes, especialmente em sociedades arcaicas que não fazem uso da moeda, indagando assim sobre a economia moral das trocas. Em sua análise comparativa, conclui que essas relações de trocas de dádivas constituem “fatos sociais totais”, pois envolvem todos os aspectos de um sistema social. A troca não é apenas o que damos e recebemos em objeto, “não são trocas apenas de bens e riquezas, mas, são antes de tudo amabilidades, banquetes, ritos.” (MAUSS, 2003, p. 191).

Na Baía da Traição, por exemplo, há uma cultura indígena de, no feriado de semana santa, os compadres e comadres fazerem troca de comidas, como peixe, beiju (comida típica indígena), massa de mandioca. A pessoa que recebe aquela comida tem por obrigação retribuir com algo. Os afilhados também vão na sexta-feira santa pedir de joelhos a benção e esperam receber em troca algum chocolate, pois a páscoa se aproxima. Segundo Mauss, as prestações e contraprestações se estabelecem de forma voluntária (MAUSS, 2003, p. 191), porém, não existem presentes desinteressados: o ato de dar, receber e retribuir guia as relações.

Durante este trabalho, vimos que o Bato Lata recebe alguns favores e doações: como a prefeitura que doa os serviços do pedreiro, empresta o ônibus e paga a conta de energia e de água da sede conjunta à Câmara de Vereadores; como a farmácia que doa os 50 reais por mês; como o surfista profissional que doa as pranchas; como o Beto que paga algumas contas com seu próprio salário; como os professores voluntários que doam o seu tempo, etc. Tudo isso gera um ciclo de dar, receber e retribuir, pois o Bato Lata faz diversas conquistas através dessas dádivas e retribui com as oficinas, o grupo de canto retribui para a sociedade indo cantar nos hospitais, a oficina de *surf* retribui capacitando os alunos para participarem de campeonatos, o grupo Raio de Sol retribui proporcionando bem-estar às mulheres. A prefeitura recebe como retorno o reconhecimento por ter feito parte das conquistas do Bato Lata, pois o nome da prefeitura estará estampado no pódio. A farmácia recebe divulgação, prestígio. O surfista, por sua vez, está retribuindo o que recebeu de ajuda para chegar ao profissionalismo, Beto e os professores voluntários recebem o sucesso do Bato Lata, seus nomes divulgados como parte fundamental da vitória de um aluno. Segundo a coordenadora Luzia, “tudo na vida é troca”, o Bato Lata também é troca, o que é feito em nome do Bato Lata e o que é recebido, é troca.

Com isso, vemos a relação de troca existente no Bato Lata como fato essencial para a perpetuação do projeto e que responde a um dos questionamentos feitos neste trabalho. Não é

apenas a gratidão que motiva os professores a se voluntariar, mas o retorno que recebem em forma de carinho, de ver o aluno obtendo sucesso, de exposição de seus próprios nomes enquanto professores daquele aluno que ganhou um campeonato estadual. Mesmo esse retorno não sendo financeiro, é fundamental para que eles continuem se doando, pois nessa troca há sentimentos envolvidos, há expectativas, há uma circulação de dádivas e contra dádivas.

O caso da oficina de *surf* apresentado anteriormente é um bom exemplo a ser retomado, pois mostra esse misto de iniciativas que contribuem para a existência e continuidade das oficinas do Bato Lato. Samuel Igor, surfista profissional e ex-morador da Baía da Traição, fez a doação de 16 pranchas de *surf* e o frete das pranchas foi custeado por Beto Bass, o vereador Erbeliel – ex-surfista profissional – e o próprio Samuel Igor. Ou seja, diversas pessoas apoiam o projeto, seja por terem uma relação mais específica com certa oficina, como foi o caso do *surf*, seja por doarem algo que beneficiará o projeto como um todo.

Outra questão abordada neste TCC relaciona-se à importância do Bato Lato para a comunidade da Baía da Traição. Na tese de doutorado de Thomassim (2010), “O ‘público-alvo’ nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos”, o autor cita o exemplo de dois jovens, cuja rotina é baseada em participar de projetos sociais em suas comunidades. Miro, 13 anos de idade, participava de três projetos sociais e Nilton, 15 anos de idade, participava de quatro projetos sociais. A diferença entre eles foi que Nilton se envolveu com o tráfico local e foi assassinado. Isso nos faz pensar que mesmo o projeto social fazendo parte do cotidiano de um aluno, a sua rede de relações pode ser mais forte e atrativa que o próprio projeto. Em um terceiro exemplo, trago Daniel, aluno do Bato Lato, que frequenta as oficinas de *surf*, capoeira e jiu-jitsu e seu pai sempre que está disponível ministra a oficina de *surf*. Daniel também se envolveu com pessoas “erradas” e outro dia foi preso pela polícia em uma praça da cidade. O questionamento que esses fatos nos provocam é que, se o Bato Lato é um projeto social que visa, além das oficinas ofertadas, ser uma rede de apoio para que situações como essas não aconteçam, facilitando dessa forma o contato com espaços sadios, como um aluno que frequenta três oficinas vincula-se a espaços opostos?

Segundo Thomassim (2010), uma explicação para isso seria que “além de situações alheias às crianças, existem lógicas operadas pelas crianças que produzem ofertas no conjunto das relações, interferindo nas políticas” (THOMASSIM, 2010, p. 29). Nesse caso, as relações entre amigos, vizinhos, primos, os jogos de futebol na praia, idas à praça da cidade, podem ser mais atrativo no

dia-a-dia do que as oficinas do Bato Lata, que tem seu próprio calendário e horários definidos, podendo causar o efeito de obrigatoriedade.

O curioso no Bato Lata é que nas conversas que eu tive com os professores, eles sempre se mostravam preocupados em dar oportunidades para os alunos de modo que isso viesse a afastá-los da tentação da criminalidade, que tem crescido rapidamente na cidade. Mas nenhuma vez presenciei conversas sobre isso com os alunos, apenas a aula em si, com exposição do conteúdo e as atividades. Não acredito que nas aulas de canto, os alunos consigam desenvolver sua criticidade sobre esses assuntos apenas aprendendo técnicas vocais ou que aprendam no jiu-jitsu sobre racismo enquanto fazem circuitos.

Mesmo assim, podem existir momentos dedicados a esses temas que não foram presenciados por mim. E se o Bato Lata não se volta diretamente a questões como drogas e criminalidade, o fato de promover o convívio de crianças e jovens em torno do esporte e da música mostra-se fundamental na vida dessas pessoas, levando algumas a desenvolver suas carreiras nessas áreas.

Ao longo deste trabalho, foi identificado que o maior motivador para continuidade do projeto é ver os alunos subindo degraus que dificilmente conseguiriam sem a ajuda do Bato Lata. Primeiro, por serem de cidade pequena e, com isso, terem menos oportunidades, segundo, pela dificuldade que teriam para treinar sem treinadores e, terceiro, por não terem apoiadores. Posso dizer que a motivação dos professores é ver que, dia após dia, os alunos colhem os frutos que eles plantaram.

Não obstante, vimos que para alcançarem o sucesso e conquistarem cada troféu exposto na sede do Bato Lata, professores e alunos passam por uma série de dificuldades como: falta de apoio financeiro, falta de mão de obra e falta de reconhecimento. A falta de apoio financeiro foi relatada como fator crucial para expansão e continuidade do projeto. Não ter ajuda de pais e alunos quando alguma oficina necessita, acaba desgastando quem se “desdobra” para suprir todas as necessidades, como foi o caso de Beto Bass, cuja doação ao projeto foi observada algumas vezes aqui. Há um apelo para que os pais também possam ajudar de alguma maneira, seja varrendo a sede ou acompanhando uma oficina quando o professor não puder. Atitudes como essas fazem uma grande diferença e ajudam a despertar nos outros um senso de pertencimento.

Acredito que a falta de ajuda financeira e atitude por parte de alguns pais esteja intrinsecamente relacionada à falta de pertencimento. Se eu não pertenço a esse lugar, eu não preciso fazer nada por ele. Muito presente nas falas dos entrevistados, a falta de responsabilidade para com o projeto tem

a ver com o fato de Beto, na época, exercer o cargo de vereador. Se os pais dos alunos vêem o Bato Lata como sendo do Beto e Beto era vereador, por que ajudariam com alguma coisa? Isso difere da relação de troca que vimos em Mauss, pois, se os alunos recebem as aulas do Bato Lata, há uma obrigação de retribuição, seja varrendo o espaço, seja pintando uma parede, estando presente nas oficinas. A falta dessa retribuição por parte de alguns pais, de alguns alunos que poderiam ajudar, enfraquece o relacionamento entre o Bato Lata e os alunos. Foi isso que vimos em Mauss (2003), a obrigação de dar, a obrigação de receber e a obrigação de retribuir.

Em 2020, o Bato Lata pausou suas atividades em decorrência da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) e aproveitou esse momento para concluir as reformas inacabadas da sede. Concluíram a reforma da frente, consertaram o piso colocando cerâmica, fizeram uma calçada com acessibilidade e pintaram as paredes preservando as cores padrão, verde, amarelo e vermelho. As paredes ficaram sem os murais de foto e o espaço ficou maior, mais claro, aconchegante e organizado. Nesse período, as oficinas não tiveram aulas remotas, por muitos alunos não terem como assistir. Mas os alunos podiam pegar instrumentos para treinarem em casa, como o violão. A comunicação era apenas pelo whatsapp e facebook. Devido ao fato do espaço estar fechado e não haver campeonatos, não foi gasto mais que o necessário durante a pandemia. Para manutenção do espaço, Beto Bass arcou com o custo, pois o Instituto não estava recebendo contribuição dos alunos.

Em fevereiro de 2021, as atividades foram retomadas, porém com medidas de segurança, como máscaras, alunos mantendo distanciamento social e álcool em gel no espaço. Todas as oficinas voltaram a funcionar normalmente, incluindo as de esporte como *surf* e futebol. Após alguns meses, as medidas de segurança foram afrouxando e hoje já não é mais necessário máscara nem distanciamento.

REFERÊNCIAS

- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- BRASIL. **Acessar o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS)**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-o-cras-centro-de-referencia-da-assistencia-social>. Acesso em: 15 out. 2021.
- FILME IBLEC – INSTITUTO BATO LATA DE ESPORTE E CULTURA. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Instituto Bato Lata de Esporte e Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/InstitutoBatoLatadeEsporteeCultura>. Acesso em: 26 out. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e estados**. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/baia-da-traicao.html>. Acesso em: 15 out. 2021.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Centro de Referência Especializado em Assistência (CREAS)**. [201-?]. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/carta-de-servicos/desenvolvimento-social/assistencia-social/creas-centro-de-referencia-especializado-em-assistencia-social-1>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- NATALI, Paula Marçal. **O lúdico em instituições de educação não-formal: cenários de múltiplos desafios, impasses e contradições**. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.
- PAES, José Eduardo Sabo. **Conceito de Terceiro Setor**. 2020. Disponível em: <https://www.escolaaberta3setor.org.br/conceito-de-terceiro-setor>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- PELLUSO Juliana; CECCHETTO Fátima; RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages. Driblando a violência através do esporte: tensões na abordagem de gênero com jovens de um projeto social. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 43, p. 1-8, 2021.
- SANTOS, Maria de Lourdes dos. **Felicidade ainda que tardia: lazer e sociabilidade no grupo de idosos “mensageiros da paz”**. 2019. 50f. TCC (Graduação em Antropologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal da Paraíba, Rio Tinto, 2019.
- THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **O “público-alvo” nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos**. 2010. 289f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.